

A maternidade de mulheres usuárias de crack e o papel de outros cuidadores

The maternity of women crack users and the role of other caregivers

La maternidad de las mujeres usuarias de crack y el papel de otros cuidadores

Recebido: 09/07/2021 | Revisado: 13/07/2021 | Aceito: 17/07/2021 | Publicado: 26/07/2021

Paola de Oliveira Camargo

ORCID: <https://orcid.org/00000002-9169-7602>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: paolacamargo01@hotmail.com

Michele Mandagará de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7914-9339>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: mandagara@hotmail.com

Lieni Fredo Herreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2069-3839>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: lienierreiraa@hotmail.com

Vania Dias Cruz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9729-2078>
Universidade Federal de Rio Grande, Brasil
E-mail: vania_diascruz@hotmail.com

Suêlen Cardoso Leite Bica

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7513-9769>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: suellehn@gmail.com

Duília Sedrês Carvalho Lemos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6561-1561>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: duilia.carvalho@gmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo conhecer as experiências de usuárias de crack com a figura materna e a participação ou não dos companheiros no cuidado dos filhos. Trata-se de um estudo qualitativo, utilizando: observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres. Dados coletados no território durante quatro meses e analisados a partir do Interpretativismo. Observou-se que em relação a figura materna a maior parte dos relatos é permeado por conflitos. Quanto ao genitor, a maior parte das mães não conta com o cuidado do mesmo, em alguns casos tem-se o apoio financeiro. O estudo mostra que mesmo permeado de conflitos é de suma importância o apoio dos genitores junto a criação dos filhos e que quanto a relação de usuárias de crack com a figura materna os resultados são permeados pelas vivências individuais e suas construções familiares. É necessário que a equipe de saúde atente-se ao atendimento objetivando o acolhimento e a escuta.

Palavras-chave: Cocaína crack; Mulheres; Poder familiar; Paternidade; Relações familiares.

Abstract

This study aims to know the experiences of crack users with the mother figure and the participation or not of their partners in the care of their children. This is a qualitative study, using: participant observation, field diary and semi-structured interviews with five women. Data collected in the territory for four months and analyzed using Interpretivism. It was observed that in relation to the maternal figure, most of the reports are permeated by conflicts. As for the parent, most mothers do not have the same care, in some cases there is financial support. The study shows that, even permeated by conflicts, the support of parents with childrearing is of paramount importance and that regarding the relationship of crack users with the mother figure, the results are permeated by individual experiences and their family constructions. It is necessary that the health team pay attention to the service aiming at welcoming and listening.

Keywords: Crack cocaine; Women; Family power; Paternity; Family relationships.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo conocer las experiencias de los consumidores de crack con la figura materna y la participación o no de sus parejas en el cuidado de sus hijos. Se trata de un estudio cualitativo, utilizando: observación participante, diario de campo y entrevistas semiestruturadas con cinco mujeres. Datos recogidos en el territorio durante cuatro meses y analizados mediante Interpretativismo. Se observó que en relación a la figura materna, la

maioría de los relatos están permeados por conflictos. En cuanto a los padres, la mayoría de las madres no tienen los mismos cuidados, en algunos casos hay apoyo económico. El estudio muestra que, aún permeado por conflictos, el apoyo de los padres es de suma importancia en la crianza de sus hijos, y que en cuanto a la relación de los consumidores de crack con la figura materna, los resultados están permeados por las vivencias individuales y sus construcciones familiares. Es necesario que el equipo de salud preste atención al servicio con el objetivo de acoger y escuchar.

Palabras clave: Crack de cocaína; Mujeres; Poder familiar; Paternidad; Relaciones familiares.

1. Introdução

O uso abusivo do crack e de outras drogas é um problema de saúde pública e social, agravado pela falta de implantação de políticas públicas adequadas, que tratem o usuário com mais respeito e segurança. O uso de crack entre as mulheres apresentou aumento nos últimos tempos e faz-se necessário rever a forma que são realizados os atendimentos a estas mulheres que ainda hoje sofrem preconceitos por serem mulheres e usarem substâncias psicoativas. As mulheres, se gestantes, ainda são atribuídas as características de irresponsáveis, criminosas ou profissionais do sexo (Ramiro, Padovani, Fidalgo e Tucci, 2018).

Mulheres gestantes e usuárias de cocaína crack vivenciam sentimento de insegurança, preocupação e responsabilidade, assim como qualquer outra mulher na mesma situação, a diferença é que ao mesmo tempo, pelo fato de serem usuárias de drogas, as mesmas também vivenciam sentimento de culpa, desamparo e constrangimento, por não se enquadrarem na situação de “boa mãe” que a sociedade impõe. Com isso pouco se pensa nas dimensões subjetivas de uma gravidez permeada por um contexto social vulnerável e pelo uso abusivo de drogas (Abruzzi, 2011).

O uso de drogas, em especial o crack, remetem as mulheres usuárias que experimentam da maternidade, sentimento de culpa sobre o que suas atitudes podem representar de riscos ao bebê, portanto, essa mulher se encontra em meio a duas questões, primeiro a da possibilidade de ser mãe e gerar uma nova vida e segundo a possibilidade de realmente se responsabilizar por isto ou não. Este uso de substâncias acarreta uma interpretação da maternidade que tange a dualidade de boa mãe ou não, ou seja, da mãe que abre mão de tudo por seu filho e daquela que não consegue abandonar o uso, mesmo se culpando por isso (Olivio & Graczyk, 2011).

O ser mãe compõe diferentes significados, dependendo da cultura e do momento histórico em que ocorre e acima de tudo da compreensão da maternidade e suas diversas ressignificações, o que não é uma tarefa fácil e depende não apenas de uma área do conhecimento, mas sim de um conjunto multidimensional, que ajude a pensar e refletir sobre os diferentes aspectos da maternidade, em seu contexto histórico, antropológico e social (Kitzinger, 1978).

Foi a partir do século XVIII, durante a revolução francesa e seus valores de liberdade, igualdade e fraternidade, que surge em 1760, estudos que impõe às mães cuidar pessoalmente dos seus filhos, assim como amamentá-los. A partir de então, passa a ser da mulher a obrigação de em primeiro lugar, cumprir com o seu papel de mãe, ideia esta que impera até os dias de hoje, de que toda a mulher deve ter o instinto materno, que toda mãe deve amar e zelar por seu filho. O atual modelo maternal foi nos dado social e historicamente, construído em cima de um modelo hegemônico de maternidade (Badinter, 1985). Este papel social que a mulher carrega, de possuir o instinto maternal, impera em todas as sociedades. É o mito da maternidade, que perpassa a função biológica de ser mãe e atravessa por aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e ideológicos. Sendo assim, a mulher acaba carregando em si a carga da perfeição que deve ser representada na relação mãe e filho e na representação de boa mãe (Olivio & Graczyk, 2011).

Em alguns casos as famílias, assim como os serviços sociais e de saúde, configuram uma base para que essa mulher possa ter uma experiência diferente da maternidade, possa se adaptar a esta nova situação e não ter a sensação de incompetência materna, pois sabe que está segura e cuidada, desejando assim também segurança e cuidados ao seu bebê.

Segundo Herreira et al. (2018) a família está junto, mesmo que em alguns momentos com conflitos importantes, são com os membros familiares que as mães usuárias de crack contam nos momentos que vivenciam a gestação e a criação dos filhos. O suporte familiar e de outros cuidadores é parte elementar no processo da família tendo em vista que o papel de “criação” da criança não deverá depender unicamente da mãe, sendo esta usuária de substâncias psicoativas ou não.

Por essa razão o objetivo deste trabalho é conhecer as experiências de mulheres, que são mães e usuárias de crack.

2. Metodologia

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, sendo a coleta de dados desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas, extraída de uma dissertação de mestrado.

A pesquisa utilizou cinco entrevistas de em média uma hora e meia cada, em bairros periféricos de um município do interior do Rio Grande do Sul, nas residências das participantes e em outros locais, como casa de amigos e familiares, serviços de saúde (UBS, CAPS AD) e locais abertos da comunidade. As entrevistas foram gravadas e realizadas somente nas residências das participantes e respeitando o sigilo e privacidade. As cinco participantes e suas famílias foram apresentadas por dois serviços de saúde do município: Programa de Redução de Danos (RD) e o Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD). Todas as famílias eram acompanhadas por um dos serviços, o que facilitou a entrada da pesquisadora em campo, visto que as equipes que já as acompanhavam realizaram a aproximação entre pesquisadora e participantes, apresentando os membros da família e suas residências.

Os critérios de seleção foram as mulheres terem usado crack durante uma das suas gestações, ter mais de 18 anos e ser acompanhadas pelo Projeto de Extensão “Promoção da saúde no território: acompanhamento de crianças filhas de usuários de drogas”, projeto que já acompanhava as famílias, especialmente com foco no desenvolvimento das crianças e no qual a pesquisadora já fazia parte. Em razão de todas as participantes já estarem incluídas no projeto de extensão, não houve nenhum critério de exclusão para que participassem da pesquisa.

Os nomes das participantes foram substituídos por nomes de flores, escolhidos por elas, assim como os nomes das crianças por princesas e super-heróis. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e não houve nenhuma recusa durante a pesquisa.

A entrevista semiestrutura continham questões que podem ser divididas em 5 temas: gestação, participação do pai, apoio no cuidado, processo da maternidade na sua perspectiva e uso de substâncias na gestação.

A análise dos dados foi realizada a partir do Interpretativismo, para Geertz (2008) o texto antropológico nada mais é do que interpretações, ou seja, o antropólogo interpreta o que vivencia a fim de procurar significados para o observado, o analisado, aquilo que se procura compreender. Muito mais do que apenas compreender o papel dos signos e dos significados de uma sociedade ou cultura, é necessário vivenciar e interpretar essas experiências. A análise se deu ao final do trabalho de campo e das transcrições das entrevistas chegando a categorias culturais. Aqui trabalharemos com as percepções das mulheres sobre suas relações com a figura materna antes e depois da gestão e sobre a presença dos companheiros nos cuidados aos filhos.

O projeto foi encaminhado a Plataforma Brasil e teve a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas em abril de 2014 sob o parecer 643.166. Os princípios éticos foram considerados a partir da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos, sendo todos os direitos dos participantes preservados conforme a resolução (Brasil, 2012).

3. Resultados

No que tange a relação com a figura materna a maior parte dos relatos é permeado por conflitos, violência física, negligência e rejeição:

[...]a minha mãe biológica ela só me batia e me deixava passar fome [...]deixava eu ver todo mundo comer e não me dava nada [...]Tinha (outros filhos) mas eles ela tratava bem, tinha raiva que meu pai não queria ficar com ela e aí ela descontava em mim (Íris).

Além das narrativas sobre violência, para uma das mulheres o uso de substâncias por parte da mãe pode fazer parte da sua história com o uso:

“Eu e a minha mãe a gente bate muito de frente, a gente briga 24h, eu prefiro contar com os de fora e não contar com a minha mãe, eu chegar e dá um beijo na minha mãe, dá um abraço, pra mim não existe. Coisa que ao contrário eu da Rapunzel, nós somos amigas mesmo! Eu queria que a minha mãe fosse só um pouquinho do que eu sou com a minha filha [...] Ela me fez duas vezes a proposta de me levar pra boate dela e eu nunca quis, nós cansamos de ver a minha mãe, o prato (cocaína) dela foi o primeiro prato que eu vi na frente e eu e meu irmão fomos lá e cheiramos, então pra nós, o incentivo começou por dentro de casa[...] Eu sou prematura de 5 mês, a minha vó me tirou de um vaso, pra ti ver como é a história, já digo é de feto, porque 5 meses é um fêtinho ainda, não tá formado nada, e ela ia puxar a descarga e aí a minha vó não deixou [...] eu acho que muitas vezes, os meus problemas todos é falta da minha mãe sabia? Por eu saber que eu tenho mãe e eu não posso contar com ela pra nada, não posso ter muito diálogo. E eu queria pelo menos, chegar nela e me abrir, eu não tenho isso, esse prazer, nem da minha parte e nem da parte dela (Dália).

Para Dama da Noite a mãe aparece como um papel em que encontra segurança e apoio no cuidado de seu filho. Dama da Noite considera que a mãe sempre esteve ao seu lado e não desistiu dela em nenhuma hipótese:

Minha mãe é uma guerreira, pra mim ela é isso (Dama da Noite).

Outras duas participantes relatam que a relação com a mãe evoluiu ao longo do tempo, em um dos casos o nascimento da filha é um fator associado a melhora do relacionamento:

[...] Ai eu fui morar com 13 anos só com a minha mãe. No início era muito difícil, porque eu não tinha a mesma relação que eu tinha com a minha vó. Eu não tinha aquela relação de mãe e filha sabe, não era acostumada, não tive aquele costume desde criança com a mãe [...] ela sempre me tratou bem assim, mas até hoje eu sou grudada assim na vó, quando tem alguma coisa eu falo com a vó, porque a vó me entende muito mais do que a minha mãe. [...] Antes sim tava difícil, a gente (mãe) não se acertava muito, um pouco que ela já desconfiava de algumas coisas, não gostava dele (companheiro) porque ele fumava maconha [...]. Ai depois que eu tive a Draculaura que começou a melhorar (Margarida).

[...] E o negócio de ser mãe, as vezes a minha mãe reclama que eu sou uma mãe muito aberta, aí a mãe diz muitas vezes que eu não sou uma mãe de cuidar, mas não é verdade, mas ela não tira a minha autoridade [...] Porque antes

quando eu morava com a mãe era só agressão, é que a mãe me batia sempre [...] Sabe, tem coisas assim que me magoam muito, negócio de colégio mesmo, eu participava de um grupo de dança, as mães iam e ela nunca ia, então é coisas que eu guardo, ela nem sabe que eu me lembro dessas coisas. [...] A mãe tem um gênio muito forte, na minha cabeça eu penso que eu não cheguei na hora certa, então, eu acho que ela queria aproveitar mais e no fim engravidou de mim, cedo ela teve que se tornar mãe, dona de casa e tudo, então eu acho que isso aí pode ser uma coisa que ela leva como culpa ou parece que a culpa foi minha dela, dela ter perdido a liberdade dela [...] Mas aí agora não, a gente senta, conversa, não brigamos mais, eu ajudo ela a fazer as coisas, então tá melhorando bem as coisas assim (Crisântemo).

Sobre a presença ou não dos companheiros, sejam esses pais ou não das crianças, foi um fator que apareceu de forma relevante durante a pesquisa, pois muitas das participantes criaram os seus filhos sem o apoio dos pais das crianças. Enquanto apenas uma delas até hoje convive com o pai das duas filhas; três em momento algum tiveram o apoio e a presença do companheiro e apenas uma delas teve a presença do pai do seu último filho, sendo que os outros dois foram criados sem a figura paterna.

Localiza-se que o nascimento dos filhos é vinculado a possibilidade de mudança na vida dos genitores:

Ele (pai) compra tudo, remédio, fralda, o que tem que comprar pras gurias ele que compra [...] Ele queria também [ser pai] e sempre dizia: ah será que se a gente tiver outro filho a gente não muda, não para com essas coisas? Porque a gente tava cansado também, a gente cansa [...] (Margarida)

Na maior parte dos relatos o pai ou companheiro não parece exercer o papel de cuidador da criança, conta-se mais com o apoio financeiro, mesmo assim, em função do abuso de substâncias a relação com a família parece ser difícil:

Às vezes ele (pai da filha) vinha aqui na frente e trazia assim uns 5 ou 6 reais junto, ou vinha aí no portão e largava dinheiro dentro do pátio porque ele sabia que a mãe e o pai não queriam ele aqui na frente de casa [...] Porque ele não quis parar com a pedra, ele preferiu a pedra do que nós [...] (Crisântemo).

O pai do Murilo me abandonou, com 4 meses de gravidez. O pai da Fiona, o Ricardo ele já tinha sido preso uma vez, aí agora quando ele foi preso de novo e eu engravidei, ela (sogra) foi e levou uma carta minha e eu coloquei: é acho que vem um pedacinho da gente aí. E ele mandou uma carta de volta tri feliz por ser pai, não tenho o que reclamar dele com ela [...] (Íris).

4. Discussão

Iniciamos a discussão com os relatos de registros de violência física, negligência e violência psicológica expostos pelas mulheres. Ísis ressalta que parecia não ser aceita e desejada e que parecia que a raiva que a mãe vivenciava em outras relações desencadeava conflitos entre as mesmas. A família é considerada um elo muito importante, em especial as mães, devido os diversos comportamentos que os indivíduos apresentam, e que muitos destes estão relacionados aos exemplos que encontram dentro do seu local de convivência (Seleguim & Oliveira, 2013).

Para Dália, os problemas da relação com a mãe apresentam afinidade com os conflitos vivenciados por ela na atualidade e pondera que o uso de substâncias iniciou precocemente em função do uso da genitora. Marangoni e Oliveira (2013) relatam que a história de conflitos familiares podem estar relacionados ao uso abusivo de drogas.

Durante as entrevistas e observações percebe-se a importância dos vínculos familiares, em especial com as suas mães e o quanto os problemas de relacionamento são marcantes em suas vidas, pois as relações enfraquecidas e conflituosas constituem-se como marcadores do contexto que essas mulheres se encontram hoje, muitas vezes sem o apoio familiar e com condições socioeconômicas desfavoráveis, atrelados com o uso da droga (Souza, 2013). Percebe-se também que as mulheres que fazem uso de substâncias, principalmente durante o processo da maternidade, encontram vínculos frágeis com seus familiares o que muitas vezes dificulta a relação com seus filhos, e uma rede de apoio para essas mulheres (Menandro; Garcia & Uliana, 2019).

Nas vivências observadas pode-se perceber o quão dolorido é fazer parte de uma família com relações que não representem segurança ao sujeito. Muito além do que é ofertado por parte dos genitores é importante o que é percebido. No caso das mulheres com conflitos com suas mães não temos como afirmar se houve ou não o cuidado, o que podemos observar é que para elas esse “cuidado” não ficou registrado em suas memórias.

Para Cerruti et al. (2015) os vínculos frágeis são extremamente relevantes nessa problemática, visto que a relação entre mãe e filho está muito associado ao desenvolvimento de traços de personalidade que favorecem o uso de drogas, assim como a escolha por parceiros que também realizam o uso.

A violência doméstica e as situações de conflito na família são experiências frequentes no cotidiano dos indivíduos usuários de drogas (Marangoni & Oliveira, 2013) Ressaltando o quanto um ambiente desfavorável pode influenciar no consumo de drogas e na relação estabelecida com a sociedade, por essas mulheres, que em sua maioria vivenciaram desde cedo a rejeição e a falta de vínculos com a família.

Por outro lado, para Dama da Noite, a genitora desempenha o papel de cuidadora do seu filho em função de sua situação de privação de liberdade e vê na mãe uma fonte de segurança e afeto. Para Dama da Noite, no depoimento sobre a sua mãe, relata não haver conflitos entre as duas, todavia, a boa relação com a mãe não impediu que a mesma estivesse livre do consumo de drogas, ressaltando que as pessoas são diferentes entre si e não podemos tentar generalizar os casos e querer que todas as famílias se comportem iguais e que isso derive no mesmo resultado.

Importante salientar que Dama da Noite é a única entre todas as participantes que não se coloca como a cuidadora do filho, sendo esse papel atribuído a sua mãe, que mora com o neto e realiza todos os cuidados, enquanto Dama da Noite mora na casa dos fundos e atualmente está presa. Ana (mãe da Dama da Noite) demonstra um zelo muito especial pelo neto e por suas filhas e durante todo o momento das observações se mostrou totalmente solícita e disposta a dar apoio as suas filhas e assumir as responsabilidades para com o neto, deixando claro o motivo por qual Dama da Noite, no começo da sua fala, considera a sua mãe acima de tudo uma guerreira, aquela pessoa que dá conta de tudo e de todos, zelando pelo bem estar da família.

A relação intrafamiliar proporciona situações que compreendem acontecimentos significativos na vida de um indivíduo, se estas apresentam-se de forma agressiva e conturbada, a experiência vivenciada, direta ou indiretamente, pode surtir em reações importantes no desenvolvimento psicossocial do indivíduo, que podem interferir nas suas futuras relações sociais e pessoais (Assis & Ferreira, 2012).

Observa-se também que as mulheres que estão inseridas em contextos intrafamiliares permeados por situações de agressão, brigas e de outras pessoas que utilizem substâncias psicoativas, relatem que o uso acaba acontecendo com mais frequência, principalmente quando acontecem situações estressoras elas utilizam como forma de relaxamento (Mastroianni, Balsaneli & Palamin, 2019).

Estudo realizado com mulheres usuárias de crack por Cruz et al. (2014) identificou certa influência do companheiro, também usuário de crack, na manutenção do consumo das mulheres, justificando-se pelo fato da mulher acompanhar seu parceiro no uso, de receber dinheiro dele para comprar a droga e/ou de não precisar se expor a situações de risco para aquisição do crack, pois o parceiro se responsabiliza por esse processo.

A motivação de mulheres para o consumo de drogas com frequência é relacionada a ter um relacionamento amoroso com um parceiro também usuário. A dependência afetiva e a necessidade de se sentir aceita pelo parceiro levam algumas mulheres a “acompanhar” o consumo de seu parceiro dando, assim, o primeiro passo para o uso abusivo da substância (Cruz et al.,2014).

Para Castoldi et al. (2014) a percepção da mulher sobre o papel paterno pode ser de grande relevância para a relação entre pai e filho, visto que por mais que a mulher observe a importância desta figura na vida da criança, assim como a sua ajuda, seja ela financeira ou emocional, ela nem sempre facilita esse envolvimento, devido sua aproximação e convívio com o pai da criança.

Estas mulheres criam seus filhos sozinhas, chefiando suas casas, algumas contando com a colaboração de suas mães, além de enfrentar preconceitos e discriminações por parte da sociedade por ser usuária de drogas e também por ser mãe solteira (Martins et al.,2014).

A pesquisa também destaca a fragilidade da figura paterna para estas crianças, visto que em alguns casos, algumas não chegam nem a conhecer seus pais. E isso, não acontece exclusivamente com mulheres usuárias de drogas, mas é sim, a realidade para as muitas mulheres.

Desde a gestação, geralmente, as mulheres engajam-se sobre o cuidado com o filho, sendo o pai considerado apenas um elemento da rede de apoio, quando participa de alguma maneira desse processo. Para Barcinski (2009) essa posição feminina construída em nossa cultura é reforçada pela maneira como os serviços de saúde se organizam e direcionam suas práticas, centrando a gestação e os cuidados com a criança como uma responsabilidade materna, o que contribui para submissão feminina e o retorno de antigos valores atribuídos à mulher.

No entanto, o consumo de drogas é crescente entre a população feminina, que recorre tanto às drogas lícitas como às ilícitas por diversos motivos. Essa mudança de papel das mulheres, no qual muitas vêm assumindo papéis de chefia no tráfico de drogas e outras práticas possíveis de as tornarem independentes financeiramente, vem colocando em dúvida a posição submissa da mulher na sociedade e contrariando anos de tradição. A mulher, por exemplo, que se envolve no consumo e tráfico de drogas, apresenta poder sobre as outras e busca seu papel no mundo social, no qual não necessitam de parceiros para adquirir seu dinheiro e poder criar seus filhos (Barcinski, 2009).

Sob o ponto de vista histórico, as características de parentalidade e interações familiares sofreram modificações na sociedade ocidental, desde o modelo patriarcal, onde toda a organização familiar se centrava na figura masculina, até à multifacetada sociedade pós-moderna, com novos modelos de família. A paternidade deixou de abarcar apenas o papel de provedor para também envolver comportamentos e atitudes de maior contato afetivo com os filhos (Castoldi et al, 2014). No entanto, se, por um lado, há indícios de que a paternidade e a maternidade começaram a se diluir com expectativas de uma maior participação masculina nos cuidados dos filhos, por outro, ainda permanece uma distância considerável entre o discurso e a prática.

No mesmo estudo foi identificado que uma mãe usuária de drogas que não fica responsável pelo cuidado direto dos filhos se sente depreciada pela sociedade. A figura paterna parece não ter a mesma responsabilidade perante a criança, em muitos casos ela nem é lembrada ou é tida como esperada/comum frente ao papel social masculino. Assim, ainda hoje, perante a sociedade, tem-se que cuidar e educar os filhos faz parte do papel/universo feminino.

Dessa forma, ao se trabalhar sobre o processo da maternidade entre usuárias de crack e suas relações familiares é indispensável visualizar a pessoa de forma integral, bem como o contexto em que está inserida e considerar as diversas relações sociais que são estabelecidas. Nesses contextos, ocorrem grandes influências emocionais, culturais, religiosas e familiares vividas nos diferentes níveis da sociedade (família e comunidade), ditando como serão estabelecidas as interações afetivas, emocionais e econômicas entre pai, mãe/avó e filho.

5. Considerações Finais

A temática das drogas está constantemente na mídia, é um tema em ascensão e que merece ser tratado de forma menos preconceituosa e sensacionalista, visando não apenas a substância, mas o indivíduo que a consome, pensando na integralidade do cuidado a esta pessoa e em todos os fatores que permeiam este uso.

A partir da presente pesquisa foi possível conhecer a importância da participação do companheiro e de uma segunda cuidadora para as participantes durante o processo de maternidade. Os fatores que influenciaram de forma positiva na relação entre mãe e filho e no processo da maternidade foram a participação da família, geralmente da avó materna, e do companheiro, mesmo que algumas vezes apenas financeira.

Ressalta-se ainda que as experiências familiares vividas pelas participantes, tiveram forte poder nas atuais experiências dessas mulheres, ou seja, as vivências anteriores com as suas mães refletem de algum modo nas vivências atuais com os seus filhos, até mesmo para a contrapartida que elas não reproduzam a violência vivida e queiram ter uma relação diferente com os seus filhos do que tiveram com suas mães.

O presente estudo traz como limitações pela escassez de literatura que trabalhe o uso de substâncias psicoativas em mulheres e suas relações familiares. Existem inúmeros assuntos com o mesmo objeto, mas focalizando outros pontos (estigmas do uso de drogas por mulheres, vulnerabilidades sociais no uso de substâncias e mulheres, comparativos entre os percentuais de usuários homens e mulheres).

Este estudo também nos traz para reflexão a necessidade dos profissionais da saúde em acolher as mães usuárias de drogas sem julgamento de valor, compreendendo que não é apenas o uso da substância o responsável por interferir na relação mãe e filho, pois fatores externos como a vulnerabilidade, o contexto cultural, a estrutura familiar e a comunidade em que a família está inserida, podem ser tão importantes quanto o uso da substância.

Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para uma melhor reflexão acerca da qualidade de vida e valorização das mulheres usuárias de substâncias psicoativas enquanto pessoas de direito, mães e filhas, que merecem atenção e cuidado. É essencial que se pense novas estratégias que visem um olhar humanizado e, sobretudo que atenda as necessidades específicas desta população. Os profissionais de saúde e enfermagem devem estar preparados para atender as demandas sem estigma e preconceito.

Assim, urge a necessidade de outros estudos que abordem a presente temática, a fim de aprofundar as vivências de mulheres usuárias de drogas e propor ações de cuidado que visem a integralidade e a singularidade da mulher.

Referências

- Abruzzi, J. C. (2011). *A experiência da gestação na perspectiva de gestantes usuárias de crack internadas em uma unidade psiquiátrica de um hospital geral*. (Trabalho de Conclusão de Curso) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Enfermagem, <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35957/000816488.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Assis, F. R. E. R. & Ferreira, E. B (2012) Repercussões da violência doméstica contra crianças e adolescentes. *Adolesc Saúde*, 9(2), 53-59.
- Badinter, E (1985). *Um Amor Conquistado: O Mito do Amor Materno*. (Waltensir Dutra). Nova Fronteira.
- Barcinski, M.(2009) Protagonismo e vitimização na trajetória de mulheres envolvidas na rede de tráfico de drogas no Rio de Janeiro. *Ciênc Saúde Colet.*, 14(2), 577-86. Retrieved from <https://www.scielo.br/j/csc/a/XJWQQt5nxjGmNfGsmhwWpsb/abstract/?lang=pt>
- Brasil. Ministério da Saúde (2012) Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012: Trata de pesquisas em seres humanos e atualiza a resolução 196. Conselho Nacional de Saúde.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R. & Lopes, R. C. S.(2014) Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicol estud.*, 19(2), 247-59. <https://doi.org/10.1590/1413-737222105008>
- Cerutti, F., Ramos, S. P. & Argimon, I. I. L.(2015) A implicação das atitudes parenterais no uso de drogas na adolescência. *Acta Colomb Psicol.*, 18(2), 173-81. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-91552015000200015

Cruz, V. D, Oliveira, M. M, Pinho, L. B., Coimbra, V. C. C, Kantorski, L. P. & Oliveira, J. F. (2014) Condições sociodemográficas e padrões de consumo de crack entre mulheres. *Texto & contexto enfermagem*, 4,1068-76. <https://doi.org/10.1590/0104-07072014000580013>

Geertz, C.(2008) *A interpretação das culturas*. LTC.

Herreira L. F., Oliveira M. M. de, Camargo P. O. et al.(2018). Estratégias sócio-afetivas utilizadas por familiares de mulheres usuárias de crack. *Rev enferm UFPE on line.*, 12(8), 2099-104. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231708/29715>

Kitzinger, S. (1978) *Mães: um estudo antropológico da maternidade*. Ed. Presença.

Marangoni S. R. & Oliveira M. L. F. (2013) Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. *Texto & contexto enferm.* 22(3), 662-70. <https://www.scielo.br/j/tce/a/xSnGHZBztw9G6ZhtLdRdmJD/?lang=pt&format=pdf>

Martins, C. A., Abreu, W. J. C. P. D & Figueiredo, M. D. C. A. B.(2014) Tornar-se pai e mãe: um papel socialmente construído. *Referência*, 4(2), 121-31. <https://www.researchgate.net/publication/268925806>

Mastroianni, F. C, Balsaneli E., & Palamin, J. N (2019) A influência do uso de substâncias psicoativas nos cuidados maternos segundo mães usuárias. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 11(28), 151-169. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69389>

Menandro, L. M. T; Garcia, M. L. T & Uliana, R. S. S (2019) A perda da guarda de filhos: a voz das mulheres, mães e usuárias de drogas. *Psicologia & Sociedade*, 31, 1-17 <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31210798>

Olivio, M. C., Graczyk, R. C.(2011). Mulheres usuárias de crack e maternidade: breves considerações. In *Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas. GT3-Gênero e Família*. <https://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/Maria%20Cecilia.pdf>

Ramiro, F. de S., Padovani R. da C., Fidalgo T. M. & Tucci A. M.(2018). Women Crack Users, Pregnancy and Motherhood: Potential Periods for Health Care. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 34, e34425.

Seleguim, M. R. & Oliveira, M. L. F.(2013) Influência do ambiente familiar no consumo de crack em usuários. *Acta Paul Enfermagem*, 26(3), 263-8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e34425>

Souza, M. R. R. (2013) *Repercussões do envolvimento com drogas para a saúde de mulheres atendidas em um CAPSad de Salvador – BA*. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal da Bahia. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/13591>

Yamaguchi E.T., Cardoso, M. M. S. C., Torres, M. L. A. & Andrade, A. G. (2008) Drogas de abuso e gravidez. *Rev.psiquiátr.clin.*, 35. <https://www.scielo.br/j/rpc/a/MPH6Gr4JF63TVNxPLdd3j7y/?format=pdf&lang=pt>